

Letramento literário, literatura e formação de leitores: um estudo temático

Literary literacy, literature and readers' formation: a thematic study

Cadia Mara Dorneles Carus¹, Noemi Boer² e Adriana Claudia Martins³

RESUMO

Neste texto, de abordagem qualitativa e de enfoque descritivo, objetiva-se apresentar um estudo acerca do letramento literário e da importância da literatura na formação do leitor. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, realizada para a fundamentação teórica da dissertação de mestrado da primeira autora. Organizado em duas seções principais, inicialmente, o texto compreende conceituações e aspectos relativos à literatura e à leitura literária. Na segunda seção, contextualiza-se o letramento literário, associado à formação humana, e se examina a experiência estética, fonte essencial para o desenvolvimento do gosto pela leitura e a formação do leitor literário. Concluiu-se que a formação crítica do leitor emerge do espaço dado à leitura literária no contexto escolar, em um movimento de sensibilização, contemplação e reflexão da obra literária.

Palavras-chave: Leitura literária; Educação Básica; Professor mediador.

ABSTRACT

In this text, with a qualitative and descriptive approach, the aim is to present a study on literary literacy and about the importance of literature in the readers' formation. This is a bibliographic research conducted for the theoretical foundation of the first author's master's dissertation. Organized into two main sections, initially, the text encompasses conceptualizations and aspects related to literature and literary reading. In the second section, literary literacy is contextualized, linked to human formation, and the aesthetic experience is examined, seen as an essential source for fostering a taste for reading and shaping the literary reader. It is concluded that the critical formation of the reader emerges from the space given to literary reading in the school context, in a movement of sensitization, contemplation, and reflection on literary works.

Keywords: Literary reading; Basic Education; Mediating teacher.

¹ Mestre em Ensino de Humanidades e Linguagens pela Universidade Franciscana (MEHL-UFN). Integrante do Grupo de Pesquisa Ensino e Aprendizagem em Letras - UFN. Docente na rede municipal de Santa Maria, RS, Brasil. E-mail: cadia.carus@ufn.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-1948-0712>

² Doutora em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC; Docente e Pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens - PPGEHL, da Universidade Franciscana - UFN, Brasil. E-mail: noemiboer@ufn.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3745-2196>

³ Doutora em Educação e Doutora em Letras/Estudos Literários pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM; Docente nos cursos de Letras, Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens - PPGEHL, da Universidade Franciscana - UFN, Brasil. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Ensino e Aprendizagem em Letras - UFN. E-mail: adriana.martins@ufn.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1830-577X>

INTRODUÇÃO

Com a aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2018, a educação brasileira passou por mudanças significativas, exigindo das escolas um alinhamento às novas diretrizes. Embora o documento não explice os saberes que devem compor o currículo, ele define os conhecimentos, competências e habilidades a serem desenvolvidos ao longo da Educação Básica. De caráter normativo, o documento orienta-se por princípios éticos, políticos e estéticos, com foco na formação humana integral e na construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva. As competências e habilidades nele previstas visam ao desenvolvimento do pensamento crítico, dos letramentos, da autonomia e da empatia dos estudantes.

Nessa perspectiva, a literatura desempenha um papel fundamental no desenvolvimento integral do estudante, pois contribui para o aprimoramento de diversas habilidades e competências ao longo de sua formação. Conforme explica Cosson (2022a, p. 50), “a leitura literária conduz indagações sobre o que somos e o que queremos viver, de tal forma que o diálogo com a literatura traz a possibilidade de avaliação dos valores postos em uma sociedade”. Isso ocorre, porque a literatura apresenta caminhos a serem percorridos e novas possibilidades na construção de identidades, uma vez que amplia os horizontes por meio da imaginação, levando o leitor a exercer um movimento crítico, enquanto se reconhece como sujeito (Cosson, 2022a).

No entanto, o ensino da literatura, no Ensino Fundamental, muitas vezes, é negligenciado devido à falta de tempo e à necessidade de abordar outros objetos de conhecimento com os estudantes. Nesse contexto, é importante ponderar se não estaria, na leitura de textos literários, a possibilidade de se desenvolverem habilidades essenciais para a conquista de leitores⁴ proficientes. Outra questão que se evidencia está relacionada ao professor, ou seja, o profissional docente seria ou não uma figura fundamental ao processo formativo? Argumenta-se que, por meio da leitura de obras literárias, os estudantes podem se transportar para mundos fictícios, conhecer personagens complexos e cativantes, explorar questões sociais e emocionais, cultivando empatia e compreensão em relação aos seus semelhantes.

Nesses termos, justifica-se este texto pela necessidade de se conhecerem teorias e práticas inovadoras que contribuam com os processos de ensino-aprendizagem no viés do letramento, da mediação e da formação de leitores. A proposição da revisão teórica é um caminho relevante, pois, por meio dela, retomam-se as teorias existentes em uma determinada temática de estudo e, assim, contextualiza-se o fenômeno em questão. Com o objetivo de apresentar um estudo acerca das temáticas do letramento literário e da importância da literatura na formação do leitor, estruturou-se o artigo a partir de uma abordagem de pesquisa qualitativa, com enfoque descritivo.

⁴ O leitor literário se envolve de forma mais subjetiva e imaginativa com o texto, buscando fruição estética e múltiplos sentidos. Já o leitor de outros gêneros realiza uma leitura mais objetiva e funcional, voltada à obtenção de informações ou instruções. Enquanto a leitura literária estimula a reflexão crítica e a sensibilidade, os demais gêneros atendem a finalidades práticas e imediatas.

Considerando o exposto, neste artigo, objetiva-se apresentar, portanto, um estudo acerca do letramento literário e da importância da literatura na formação do leitor. Organizado em duas seções, apresenta-se, inicialmente, o conceito de literatura e de leitura literária, a partir de uma contextualização histórica e da importância da mediação de leitura literária, nos anos finais do Ensino Fundamental. Na segunda seção, apresenta-se o letramento literário e a formação humana, com base nas concepções de letramento, da experiência estética literária e da formação do leitor literário na escola.

1 A LITERATURA E A LEITURA LITERÁRIA

A prática de contar histórias é uma tradição muito antiga, momento em que os mais sábios compartilhavam relatos com as gerações mais jovens, assegurando-se, assim, a continuidade dessas narrativas ao longo do tempo. Os momentos dedicados à narração de histórias eram fundamentais na vida cotidiana de um povo, uma vez que não existiam outras formas de distração naquela época.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A palavra *literatura*, de origem latina (*litterae*), significa *letras*. Nesse contexto, pode-se dizer que literatura carrega o significado de instrução, isto é, um conjunto de conhecimentos e habilidades, relacionado à escrita e a leituras proficientes. De forma mais específica, literatura refere-se à habilidade ou ao ofício de escrever de maneira artística, utilizando a palavra como instrumento para expressar ideias e emoções. O conceito de literatura, apresentado por Cândido (2011), contribui para que se entenda o lugar a ser ocupado pela literatura, especialmente, na escola.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação [...]. Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura, concebida no sentido amplo a que me referi, parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito (Cândido, 2011, p. 176-177).

O autor considera a literatura como uma poderosa ferramenta de instrução, educação e humanização, indispensável para tornar o homem mais humano. Um poema do abolicionista Castro Alves, por exemplo, pela organização formal, qualidade dos sentimentos que exprime e pela posição político-humanitária, desperta emoções e apresenta a sociedade, em face ao seu contexto. Essa literatura social, que trata de uma realidade tão política quanto humanitária dos direitos humanos, parte de uma

análise social e provoca inquietações (Candido, 2011, p. 182-183). Uma sociedade, para ser justa, deve respeitar os direitos humanos e a fruição da arte e da literatura como direito inalienável. É preciso reconhecer que aquilo que se considera indispensável, também é para o próximo.

Com base na explicação de Cosson (2021, p. 16), “a literatura é plena de saberes sobre o homem e o mundo”, por conseguinte, no exercício da literatura, é possível ser outra pessoa, viver como outros, romper com os limites de tempo e de espaço. A literatura torna o mundo compreensível, transformando sua materialidade em “palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (p. 17). Nesse viés, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor.

É importante destacar que os sumérios, há mais de 5 mil anos, já se utilizavam de instituições encarregadas de transmitir aos jovens os versos e prosa de sua tradição. Por meio de narrativas, recheadas de personagens ou acontecimentos mágicos, eles buscavam explicar a origem de tudo o que desconheciam. Foi assim que, com o tempo, o ensino ganhou nome, inicialmente, como poesia, depois, literatura, ainda que a função continuasse de caráter religioso (Zilberman, 2021). Somente a partir do século V a.C., em Atenas, de acordo com a Zilberman (2021), o ensino de literatura passou a ser laico. Então, por meio do ensino de gramática e retórica, a sua finalidade era o adestramento de oradores para atuação na vida pública.

Ao longo da história, prossegue Zilberman (2021), a literatura, no contexto da escola, serviu a diversos propósitos: religiosos, políticos, pedagógicos - todos vinculados ao poder. Assim, a partir dos séculos XVIII e XIX, o letramento atingiu até mesmo as camadas mais pobres ou rurais, pois a meta era preparar um público consumidor para as novas formas de comunicação que estavam surgindo: jornal, revista, livro. Nesse contexto, a literatura habilitava as pessoas a novos postos de trabalho, espaço e tempo, em que emergiram novas classes sociais, a exemplo dos proletariados, no processo de revolução industrial.

Nesse momento histórico, a escola, ajustada às repartições da sociedade, oferecia letramento literário para todos e literatura elevada para poucos cuja preferência era pelo sexo masculino e por grupos de poder, todavia as obras apresentadas eram os clássicos românticos, que omitiam manchas históricas, como o genocídio indígena e a escravidão dos africanos. Segundo Zilberman (2021), a organização educacional brasileira reitera a segmentação, visto que o ensino público e gratuito ainda é deficitário em infraestrutura física, docência mal remunerada e estudantes assistidos de modo insatisfatório. Já o ensino privado, fundamentado no lucro e em resultados imediatos, como o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e vestibulares, prolifera por todo o país. Ou seja, a organização educacional brasileira é reproduutora de um Estado capitalista que reforça os valores da classe prevalecente, reproduzindo a estrutura desigual da sociedade.

É fato que a literatura pode ser uma ferramenta poderosa para resistir à dominação cultural, política e social, especialmente, porque muitos escritores usam suas obras para desafiar narrativas

dominantes e dar voz a grupos marginalizados. Além disso, a literatura pode servir como forma de resistência pessoal, oferecendo um espaço ao autoexame, à reflexão e ao crescimento. Em última análise, a literatura é um meio importante de resistência à injustiça e à opressão e de afirmação da humanidade e dignidade de todos.

1.2 A MEDIAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A literatura ocupa um lugar central na experiência humana, não apenas por sua capacidade de provocar encantamento, mas também por funcionar como um instrumento de resistência. Diante disso, é essencial que a educação literária retome seu compromisso com a arte, promovendo o desenvolvimento da sensibilidade e da inteligência dos indivíduos, para que reconheçam e assumam seu papel na transformação social. Nesse processo, o professor, enquanto orientador e formador, exerce uma função decisiva como mediador da leitura, contribuindo para a formação de leitores mais autônomos, críticos e conscientes - e não passivos diante de discursos repressivos e antidemocráticos.

A essência da literatura, segundo Cosson (2021), reside na experiência singular que ela proporciona. Dessa forma, é responsabilidade do professor criar condições que transformem o encontro do estudante com a literatura em uma busca significativa de sentido, tanto para o texto literário em si quanto para o próprio estudante e a sociedade em que está inserido. Segundo essa perspectiva, Stieler, Franzini e Boer (2021) enfatizam que a atribuição do professor vai além da simples entrega de livros; ele deve atuar como mediador, estimulando a motivação dos estudantes para que a aprendizagem e a formação literária se concretizem. As autoras (2021, p. 28) defendem a ideia de que “[...] o professor é aquele que vai vender o roteiro da viagem, mostrando a beleza que irão encontrar no caminho”.

Ao promover práticas de leitura literária, buscam-se não apenas leitores competentes, mas também apreciadores da boa literatura, incentivando a expressão pessoal, a imaginação e a compreensão das complexidades humanas. Neste entorno, Paulo Freire (1989, p. 9) pontua que “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”. Dessa forma, a atividade do leitor se exprime pela reconstrução, a partir da linguagem, de todo o universo simbólico que as palavras encerram e pela concretização desse universo com base nas vivências pessoais do indivíduo, ou seja, linguagem e realidade estão conectadas dinamicamente (Freire, 1989).

Nesse sentido, a BNCC enfatiza, no âmbito do componente Língua Portuguesa, a necessidade de proporcionar aos estudantes experiências que ampliem seus letramentos. Essa ampliação visa a capacitar os estudantes para uma participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais que envolvem a oralidade, a escrita e outras linguagens (Brasil, 2018). Portanto, a atuação do professor não se restringe apenas ao ensino formal, mas à mediação ativa na construção de pontes entre os

alunos e a riqueza que as experiências literárias e linguísticas podem oferecer em suas vidas e na sociedade em geral.

Dessa forma, o texto literário tem sua abordagem desenvolvida na perspectiva do letramento literário, e o foco do trabalho docente deve centrar-se nas leituras que garantem o posicionamento crítico do leitor, diante da realidade recriada, literariamente, e daquela em que o estudante se insere no cotidiano. As competências e habilidades, delineadas na BNCC, estão alinhadas à garantia dos direitos à aprendizagem dos estudantes, promovendo, assim, uma formação integral por meio das diversas práticas pedagógicas implementadas na Educação Básica. A BNCC busca orientar o ensino da literatura nos anos finais do Ensino Fundamental de maneira a desenvolver habilidades leitoras e escritoras, promover a apreciação crítica da literatura e estimular a expressão e comunicação dos estudantes, sempre considerando a diversidade cultural e a interdisciplinaridade (Brasil, 2018).

Nos anos finais do Ensino Fundamental, a BNCC propõe, no componente Língua Portuguesa, a ampliação do contato dos estudantes com diversos gêneros textuais, relacionados a diferentes campos de atuação e disciplinas, expandindo as práticas de linguagem já experienciadas pelos estudantes. No campo artístico-literário, o foco é proporcionar às crianças, adolescentes e jovens o acesso às expressões artísticas e produções culturais em geral, com ênfase na arte literária. O objetivo é oferecer condições para que os estudantes possam compreender e apreciar a leitura literária de maneira significativa e, progressivamente, crítica. Isso implica ampliar e diversificar as práticas relacionadas à leitura, compreensão, apreciação e compartilhamento das manifestações artístico-literárias, refletindo a diversidade cultural, linguística e semiótica (Brasil, 2018, p. 138).

No que se refere às atividades práticas de leitura, Maria (2016), a partir de sua experiência de mais de trinta anos com estudantes de anos iniciais a universitários, concluiu que qualquer pessoa que seja apresentada, de maneira adequada, ao conhecimento, literário ou não, proporcionado pela escrita, vai reagir positivamente, pois a curiosidade é natural no ser humano. Ao alimentar o cérebro de uma criança com histórias, prepara-se um adulto criativo de amanhã, capaz de enxergar novas soluções para velhos problemas. Segundo a autora, “gente de imenso valor nesse novo milênio” (Maria, 2016, p. 139).

No entanto, o acesso (ou não) a livros e à leitura depende de ações humanas e, nesse processo, é função do professor oportunizar experiências que levem à formação de leitores. Todavia, observa Maria (2016, p. 145): “para que isso aconteça é necessário que o professor seja um leitor [...], um bom leitor” e, aí, reside um dos grandes problemas da educação. Segundo a autora, “boa parte dos professores que saem das faculdades, formados nos cursos de Letras ou de Pedagogia, ostenta um diploma de licenciatura, mas infelizmente não são leitores” (Maria, 2016, p. 145). Talvez a solução para esse problema fosse a existência de uma disciplina de literatura e outra de literatura infantil no curso de Pedagogia, sugere a autora, mas bom mesmo seria que as escolas fossem espaços culturais em que todos os professores se envolvessem com atividades literárias. A leitura enriquece não somente a vida

dos estudantes, mas também torna melhor a vida do professor. Nesse sentido, é preciso que a escola seja um espaço de experiências leitoras (Maria, 2016).

Dessa forma, intervenções positivas, na mediação, podem ser um valioso instrumento facilitador da leitura e da compreensão de textos durante o Ensino Fundamental. As pesquisas, nesse campo, contribuíram para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas mais personalizadas e contextualizadas, alinhadas à preocupação de valorizar o contexto do estudante. Essa abordagem não apenas promove uma aprendizagem mais significativa, mas também reconhece e respeita a diversidade linguística e cultural presente na sala de aula. Nas palavras de Freitas (2012), é preciso:

[...] mediar interações que respeitassem os antecedentes socioculturais e linguísticos do educando, com o intuito de facilitar o processo de ensino-aprendizagem, de desenvolver competências e habilidades que proporcionem autonomia nas ações de ler e escrever, essenciais para o desenvolvimento do letramento e da cidadania (Freitas, 2012, p. 65).

Nessa conjectura, intervenção, mediação, estímulo e animação são as terminologias associadas à leitura no ambiente escolar e bibliotecário (Colomer, 2007). Esses termos se referem à intervenção de adultos, encarregados de apresentar os livros às crianças. Houve um tempo em que tudo parecia mais simples, as crianças privilegiadas, que cresciam entre os livros e viviam em um círculo social letrado, ao entrarem na escola, aprendiam o código da leitura e da escrita e, logo, liam autores canônicos. Quando surgiu a preocupação pela leitura das outras crianças, a escola procurou repetir o mesmo mecanismo de ensino, acreditando que bastava montar uma biblioteca, encher-la de livros com critérios morais que os estudantes se desenvolveriam enquanto leitores, e foi assim por décadas, sem que ninguém pensasse em buscar novas fórmulas para aproximar as crianças dos livros (Colomer, 2007).

Nesse processo de formação, no entanto, é essencial que os educadores estejam preparados para orientar os estudantes em práticas leitoras e, por meio de suas próprias experiências, estimular o hábito da leitura. Um leitor competente não apenas absorve informações, mas também enxerga o mundo de forma crítica, explorando-o por diversas perspectivas, fazendo perguntas que instigam a reflexão. A escola tem um papel central no desenvolvimento da habilidade de leitura, é responsável por criar métodos e estratégias que tornem a leitura uma atividade prazerosa e eficaz.

2 LETRAMENTO LITERÁRIO E FORMAÇÃO HUMANA

O texto literário constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética. A aprendizagem, por meio da literatura, depende da ampliação de um repertório de estratégias para criar, interpretar e analisar textos falados ou escritos, que oportunizem discussões, despertem o prazer e a apreciação estética, enquanto linguagem específica, constituída culturalmente e, como toda arte, possa dar lugar à sua dimensão humanizadora.

2.1 OS TERMOS LETRAMENTO E LETRAMENTO LITERÁRIO

A palavra letramento surgiu a partir dos anos 1980 para se referir a quem aprendia a ler e a escrever e a quem passava a usar a leitura e a escrita em práticas leitoras. “A pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter uma outra condição social e cultural, muda seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura - sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais” (Soares, 2022, p. 37). Assim, tornar-se letrado é também tornar-se cognitivamente diferente: a pessoa passa a fazer uso da leitura e da escrita, e isso leva o indivíduo a um outro estado seja social, cultural, cognitivo, linguístico, entre outros.

No Brasil, aponta Soares (2023), diferentemente de outros países, o termo letramento confunde-se com alfabetização. Apesar de terem surgido no mesmo momento histórico, *illettrisme*, na França; literacia, em Portugal; *literacy* nos Estados Unidos e Inglaterra, são termos que foram “inventados” a partir de problemas de aprendizagem da escrita. Nos países de Primeiro Mundo, o frágil domínio em leitura e escrita, na participação de práticas sociais letradas, não se confunde com dificuldades de aprendizagem do sistema de escrita. Um dos problemas, por exemplo, era que os jovens americanos concluíam a *High School* (Ensino Médio) sem dominar as habilidades de leitura e escrita, demandadas pelo mercado de trabalho. “O problema não estava na *illiteracy* (em não saber ler e escrever), mas na *literacy* (no domínio de competências de uso da leitura e da escrita)” (Soares, 2023, p. 32).

O conceito de alfabetização, que vigorou no Brasil até 1940, dizia respeito à capacidade de escrever o próprio nome. A partir do censo de 1950, o conceito de alfabetizado foi ampliado para quem era capaz de ler e escrever um bilhete; já não bastava, portanto, saber ler e escrever, ou seja, entende-se que, para ser considerado alfabetizado, o sujeito precisa exercer uma prática de leitura e de escrita. Vale destacar que, desde 2001, o Instituto Paulo Montenegro, a Ação Social do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope) e a Organização não Governamental (ONG) Ação Educativa vêm pesquisando o Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (Inaf) e divulgando informações referentes às habilidades e práticas de leitura, escrita e matemática da população brasileira (Soares, 2023). Os últimos resultados revelam que, em 20 anos, o índice de analfabetos funcionais caiu de 40% para 30% da população brasileira, entre 15 e 64 anos; destes, 13% possuem Ensino Médio ou curso superior. No entanto, o nível de brasileiros alfabetizados, em nível proficiente, permanece estagnado em 12%, ou seja, dos 144,7 milhões de brasileiros, entre 15 e 64 anos, apenas 17,4 milhões estão no topo da escala de alfabetismo funcional (Inaf, 2018).

Magda Soares (2023) pontua que o fracasso em alfabetização, nas escolas brasileiras, antes revelado pelos altos índices de reprovação, repetência e evasão escolar, atualmente, revelam-se em avaliações externas como Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) e Enem, exames que denunciam o alto número de estudantes não alfabetizados ou semialfabetizados depois de vários anos de escolarização. A autora avalia que a

perda da especificidade no processo de alfabetização pode explicar essa nova modalidade de fracasso escolar em alfabetização. Antes, a alfabetização caracterizava-se por uma excessiva especificidade nos sistemas fonológico e gráfico, em detrimento às demais aprendizagens e comportamentos na área da leitura e da escrita.

Nas últimas décadas, o que se observa é que, ao se tentar fugir dessa “excessiva especificidade”, abandonou-se a “necessária especificidade” do processo de alfabetização (Soares, 2023, p. 37). Essa mudança conceitual, no que se refere à aprendizagem da língua escrita, e que se difundiu pelo Brasil, a partir da década de 1980, foi a causa maior dessa perda.

A alfabetização, como processo de aquisição do sistema convencional de uma escrita alfabética e ortográfica, foi, assim, de certa forma obscurecida pelo letramento, porque este acabou por frequentemente prevalecer sobre aquela que, como consequência, perde sua especificidade (Soares, 2023, p. 40).

Letramento é, portanto, “o resultado da ação de ‘letrar-se’, se dermos ao verbo ‘letrar-se’ o sentido de ‘tornar-se letrado’” (Soares, 2022, p. 38). O sujeito pode não saber ler e escrever (analfabeto), no entanto, se vive em um ambiente com presença forte de leitura e de escrita, se tem interesse em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que alguém lê pra ele, se dita cartas para que outra pessoa as escreva, de certa forma, pode ser considerado letrado, porque faz uso da escrita e se envolve em práticas sociais de leitura e de escrita. Da mesma forma, a criança que folheia livros e finge lê-los, brinca de escrever e ouve histórias, ela ainda não está alfabetizada, mas já ingressou no universo do letramento.

Dissociar alfabetização de letramento, no entanto, é um equívoco, pois a entrada da criança (ou do adulto analfabeto), no mundo da escrita, ocorre pelo sistema convencional de escrita - a alfabetização - e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em situações práticas que envolvam a língua escrita - o letramento. A alfabetização ocorre “no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita”, com base em atividades de letramento, já o letramento “só pode se desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema”, ou seja, a partir da alfabetização (Soares, 2023, p. 45).

O termo letramento surge para designar o uso que se faz da escrita na sociedade. Como as práticas sociais da escrita são extremamente diversificadas, talvez o mais adequado seja falar letramentos ou multiletramentos. Atualmente, utilizam-se muito expressões como letramento digital, letramento informacional, letramento visual, letramento financeiro, letramento midiático e, até mesmo, o termo concorrente, *numeramento*, construção de sentido por meio dos números e não das palavras.

Já o letramento literário, que faz parte dessa expansão do termo letramento, possui uma relação diferenciada com a escrita, isto é, o letramento, a partir de textos literários, envolve uma compreensão mais profunda da literatura, como forma de arte e expressão, e pode proporcionar aos leitores uma relação privilegiada com a escrita, aprimorando sua compreensão e apreciação da palavra

escrita. É um processo que acontece de forma contínua e que acompanha o leitor por toda a sua vida, sem esgotar-se. Nesse sentido, Cosson (2021, p. 17) explica que a “literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. Isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada”.

Conforme o autor:

O processo de letramento que se faz via textos literários comprehende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí a sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade (Cosson, 2021, p. 12).

Importante destacar que o letramento literário não deve ser apenas uma estratégia pedagógica, mas um modo específico de abordar a leitura literária na escola. “Formar os alunos como cidadãos da cultura escrita é um dos principais objetivos educativos da escola” (Colomer, 2007, p. 30). Dessa forma, uma educação literária se sobrepõe ao ensino da leitura propriamente dito, a escola precisa propor o ensino para além do que é literatura, a escola precisa ensinar a ler literatura. Embora muitos professores ofereçam obras de leitura juvenil nos anos finais do Ensino Fundamental, como forma de dar continuidade ao processo de desenvolvimento da leitura, começado nos anos iniciais, fazem-no como uma atividade paralela, desvinculada de um programa literário, tendo em vista que a leitura de obras integrais não está prevista nos planos oficiais de estudo.

De acordo com Cosson (2021, 2022), o ser humano é construído a partir dos textos que lê e da forma como lê; o corpo linguagem se alimenta dos textos que são lidos e se desenvolve conforme o regime de leituras do indivíduo. A experiência literária não é mera diversão, ela guarda todos os sonhos do ser humano, ao mesmo tempo em que revela que nenhum sonho é impossível de ser concretizado. Não é sem motivo, portanto, que, em regimes totalitários e/ou governos autoritários, temendo a literatura, autores e obras sejam censurados na tentativa de se controlar a população.

Quando falamos em leitura literária, não estamos falando de um passatempo ou de lazer, isto é, uma forma de diversão, como sugerem as preocupações em relação ao gosto pela leitura, o prazer de ler, a disputa de tempo com a televisão, os videogames e outros meios de entretenimento. Não que o letramento literário negue ou recuse o gosto, o prazer, a diversão e o entretenimento, mas sim que a perspectiva assumida para a leitura literária é de outra ordem, da ordem do aprendizado, da ordem de formação (Cosson, 2022b, p. 19).

Todas as sociedades criam suas próprias manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas, de acordo com suas crenças, sentimentos ou normas, a fim de fortalecer sua presença em cada um dos cidadãos. A organização da sociedade, conforme Cândido (2011), pode restringir ou ampliar a fruição da literatura. Para o autor, apenas uma parcela da sociedade brasileira, por exemplo, tem a “possibilidade de conhecer e aproveitar a leitura de Machado de Assis ou Mário de Andrade” (Cândido, 2011,

p. 188), isto é, a grande maioria da população é privada do seu direito à literatura. Sendo assim, a luta pelos direitos humanos inclui a luta para que todos tenham acesso à cultura e para que possam usufruir da arte e da literatura em todas as modalidades.

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade (Candido, 2011, p. 188)

A leitura de obras literárias pode levar os leitores a se identificarem com as personagens e as situações retratadas na história, e essa identificação pode ter um impacto positivo no desenvolvimento dos leitores, tornando-os mais experientes, sensatos e justos. Quando os leitores se identificam com personagens fracas, sofredoras ou perseguidas, isso pode despertar empatia e compaixão, permitindo que eles compreendam e se conectem emocionalmente com as lutas e desafios enfrentados pelas personagens. Essa identificação pode levar os leitores a refletirem sobre questões sociais, éticas e morais e a desenvolverem uma compreensão mais profunda da natureza humana e das complexidades da vida.

Assim, a experiência da leitura literária torna as pessoas mais humanas, desenvolvendo a solidariedade, a capacidade de admitir a existência de outros pontos de vista, o discernimento acerca da realidade social e humana (Abreu, 2004). Desse modo, a leitura configura-se como uma necessidade básica na vida, podendo contribuir, de forma significativa, com a formação do ser humano, enriquecendo suas relações interpessoais e produtivas no mercado de trabalho. Em síntese, a leitura literária transcende a mera atividade de absorção de palavras, ou seja, ela se configura como um instrumento poderoso para o desenvolvimento pessoal, cultural e social.

2.2 A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NA ESCOLA

A capacidade de a literatura evocar emoções profundas, provocar questionamentos existenciais e criar conexões simbólicas contribui para uma experiência estética única e multifacetada. De acordo com a BNCC, a leitura literária não deve ser vista apenas como uma prática de decifrar códigos, mas, sim, como experiência que envolve sensibilidade, apreciação e compreensão do valor artístico das obras literárias. A literatura é contemplada, sobretudo, na terceira das dez Competências Gerais da Educação Básica: “Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural” (Brasil, 2018, p. 11). Essa competência está relacionada ao papel da escola enquanto local propício às *manifestações artísticas*. Desse modo, dentro da instituição de ensino, os estudantes podem ter contato com obras literárias de diversas regiões do país e, ainda, de outras culturas, países e épocas, o que muito contribui para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem.

Entendendo que as atividades humanas se realizam nas práticas sociais, mediadas por diferentes linguagens, verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital, a BNCC (Brasil, 2018), dentre as competências específicas de linguagens para o Ensino Fundamental, dispõe o seguinte:

Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas (Brasil, 2018, p. 65).

A BNCC estabelece, assim, acerca das competências específicas de língua portuguesa para o Ensino Fundamental, pois prevê atividades em que os estudantes possam

envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura (Brasil, 2018, p. 87).

Seguindo essa abordagem, a BNCC (Brasil, 2018) propõe que a literatura envolva a formação de leitores-fruidores, categoria definida nos seguintes termos:

Para que a função utilitária da literatura - e da arte em geral - possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor - e, portanto, garantir a formação de - um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura (Brasil, 2018, p. 138).

O documento comprehende o literário como um campo de atuação, relativo à participação dos estudantes nos anos finais do Ensino Fundamental, em situações de leitura, fruição e produção de textos literários e artísticos, representativos da diversidade cultural e linguística, que favoreçam experiências estéticas. Envolve a continuidade da formação do leitor literário, iniciada nos anos iniciais, com especial destaque ao desenvolvimento da fruição, de modo a evidenciar a condição estética desse tipo de leitura e de escrita.

O conceito de estético, apresentado na BNCC, é compreendido como fruição, elemento mobilizador dos processos humanizadores que a literatura pode oferecer. Na relação leitor-texto (experiência estético-reflexiva), o professor é o grande mediador do processo, e a fruição ocorre na medida em que o leitor se identifica com o texto e esse dialoga com seu contexto sociocultural. Todavia, a escolha da obra literária, pelo professor, e o processo metodológico, no momento da leitura, são de fundamental importância para a formação do leitor literário e para a experiência estético-reflexiva.

Nesses termos, a atividade estética tem sido objeto de reflexão de inúmeros filósofos e incontáveis são as elaborações teórico-filosóficas e as perspectivas críticas do fazer artístico. Bakhtin, no início da década de 1920, entrou nesse debate e permaneceu nele até seus últimos dias. O autor

demonstra um notável interesse e entusiasmo em relação a essa temática. Em seus escritos, ele apresenta uma série de ideias originais e impactantes que enriquecem, de forma significativa, o debate sobre o assunto. Suas formulações teórico-filosóficas revelam uma abordagem inovadora e surpreendente da atividade estética (Faraco, 2011).

Nesse sentido, pode-se dizer que o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, do seu ativismo que vê, lembra-se, reúne e unifica, que é o único capaz de criar para ele uma personalidade externamente acabada; tal personalidade não existe se o outro não a cria; a memória estética é produtiva, cria pela primeira vez o homem *exterior* em novo plano de existência (Bakhtin 2011, p. 33).

Bakhtin concentra sua reflexão no que chama de objeto estético. Há, em seus textos, uma recorrente distinção entre o artefato (a obra de arte de fato) e o objeto estético (as múltiplas redes de relações axiológico-culturais expressas na atividade estética). “Enquanto o artefato é uma coisa, um ente factual, o objeto estético não o é” (Faraco, 2011, p. 23). Portanto, o objeto estético é uma realidade relacional que se concretiza no artefato. Ou seja, trata-se de uma arquitetônica, de um conteúdo axiologicamente informado pelo autor-criador (Faraco, 2011, p. 23).

Nas palavras de Bakhtin (2011), quanto ao ponto de vista estético:

[...]é essencial o seguinte: para mim, eu sou sujeito de qualquer espécie de ativismo: do ativismo da visão, da audição, do tato, do pensamento, do sentir, etc.; é como se eu partisse de dentro de mim nos meus vivenciamentos e me direcionasse em um sentido adiante de mim, para o objeto (Bakhtin, 2011, p. 36).

Em consonância com o que afirma Bakhtin, Cosson infere que ler envolve uma troca de sentidos, “não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados”, pois realizam o compartilhamento de visões de mundo. Ao ler, abre-se uma porta entre “o meu mundo e o mundo do outro” (Cosson, 2021, p. 27). E é necessário abrir-se ao outro para compreendê-lo; isso não implica aceitá-lo, mas externar um gesto solidário exigido pela leitura de qualquer texto. Por isso, ler na escola não é desperdiçar tempo em uma atividade solitária que toma o tempo que deveria ser usado para os jovens aprenderem. “Ler pode ser solitário, mas nunca deixa de ser solidário” (Cosson, 2021, p. 27).

Durante a leitura, é possível experimentar um tipo específico de comunicação. Enquanto, na vida real, as ações são simultâneas e seguem o fluxo do tempo, na narrativa, é preciso imaginar um mundo complexo por meio das palavras, com apoio ou não de ilustrações, “são episódios que se fixam e se simplificam em um começo, um desenvolvimento causal e uma conclusão”. Nesse processo, em que ações se sucedem e que necessitam ser relacionadas e distinguidas, as diversas vozes revelam “condutas e emoções que podem ser contempladas e meditadas com calma”; diferentes pontos de vista são abordados, o que favorece “a descentralização de si mesmo e se amplia a experiência própria com outras vivências e outros contextos” (Colomer, 2017, p. 28).

Dessa forma, não é somente o que está posto no texto, em seu sentido verbal, que é compreendido pelo leitor, mas, na perspectiva estética, o sentido que o leitor concede ao texto também constitui parte de seu significado. Assim, o que é representado no campo imagético do universo textual faz contato por meio do leitor e é combinado e dialetizado, gerando novas representações possíveis em sua interpretação no processo de leitura. Esse movimento dialético e a inter-relação entre texto/leitor constituí o estético no letramento literário.

Nesse sentido, Candido (2011) insere a literatura como um bem inerente ao homem para a construção de sua humanização. Para o autor, a “literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (p. 177-178). Por isso, a literatura é indispensável na formação do homem. Ela possui estrutura e objeto autônomos; manifesta emoções e visão de mundo de um determinado grupo de indivíduos, como forma de adquirir conhecimento.

Ao compartilhar a leitura, cada pessoa pode experimentar um sentimento de pertencer ao nosso tempo ou a tempos passados, daqui ou de outro lugar, do qual pode sentir-se próxima. Se o fato de ler possibilita abrir-se para o outro, isso acontece de diferentes formas e não somente pela sociabilidade em torno dos livros. É também pelo fato de que, ao experimentar, em um texto, sua verdade mais íntima, como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma. Ler não isola do mundo. Ler introduz o ser no mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar neste ato o mais universal (Petit, 2009).

Sendo assim, o professor contribui para a formação do leitor literário ao promover a apreciação estética em abordagens de leituras diversas, aspecto que ratifica a necessidade do contato com o texto, que se revela como fonte de promoção dos conhecimentos a serem desenvolvidos em âmbito escolar. O contato com as manifestações artísticas e produções culturais, em geral, e com a arte literária, em especial, deve ser entendido como propósito para garantir a reflexão do estudante na perspectiva estética, histórica, social, cultural e política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de apresentar um estudo sobre o letramento literário e sobre a importância da literatura na formação do leitor. Nessa perspectiva, uma contextualização histórica foi realizada, atribuindo-se relevante importância à mediação da leitura literária nos anos finais do Ensino Fundamental. Neste artigo, portanto, tratou-se do conceito de letramento literário e da experiência estética, como experiências humanizadoras.

A partir do estudo bibliográfico realizado, é possível afirmar que a prática de leitura literária, nos anos finais do Ensino Fundamental, nem sempre é considerada e planejada como deveria ser, pois as atividades de aula, por vezes, priorizam outros saberes. Os momentos dedicados à leitura literária,

em sala de aula, acabam se resumindo à leitura de textos curtos, seguidos por questionários que visam à compreensão dos estudantes, mas que não os desafiam a respostas nas entrelinhas do texto, o que pode resultar na formação de leitores passivos.

Esse método inadequado desmotiva os estudantes, levando a queixas frequentes dos professores sobre a falta de interesse pela leitura. A leitura na escola é encarada como uma obrigação, e os professores limitam-se aos livros didáticos, impossibilitando a leitura de fruição com base em atividades superficiais de cópia. Além disso, a possível incipiência na formação dos profissionais na área da linguagem pode também contribuir para um desempenho insatisfatório na formação de leitores. Logo, é urgente a qualificação de professores para esse intento, a fim de que possam elaborar propostas significativas de leitura literária na escola.

Nesse viés, é necessário que haja um espaço para a leitura literária no contexto escolar, pois, quando existe ambiente e mediação na leitura, há uma nova perspectiva de ensino de leitura literária. Nessa perspectiva, a experiência estética, na formação do leitor literário na escola, é uma vivência que sensibiliza e promove reflexão, além do compartilhamento significativo das leituras. Por fim, é fato que a formação crítica do leitor emerge do espaço dado à leitura literária no contexto escolar, em um movimento de permanente contemplação e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Cultura letrada:** literatura e leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** 6.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 15 jun. 2022.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários Escritos.** 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011. p. 171-193.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros:** a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.
- COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual.** São Paulo: Global, 2017.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário.** São Paulo: Contexto, 2022a.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2021.

COSSON, Rildo. Três práticas fundamentais do letramento literário na escola. In: FRITZEN, C.; MÜLLER, F (orgs). **Ensino de literatura na escola:** reflexões e práticas de letramento literário. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022b. p. 18-34.

FARACO, Carlos Alberto. Aspectos do pensamento estético de Bakhtin e seus pares. **Letras de Hoje:** Porto Alegre, v.46, n.1, p. 21-26, jan./mar. 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/9217>. Acesso em 08 abr. 2023.

FREITAS, Vera Aparecida de Lucas. Mediação: estratégia facilitadora da compreensão leitora. In: BORTONI-RICARDO, S.M. et al (orgs). **Leitura e mediação pedagógica.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 65-85.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados, 1989.

INDICADOR DE ALFABETISMO FUNCIONAL. Resultados Inaf. Disponível em: <https://alfabetismofuncional.org.br/>. Acesso em: 1º abr. 2023.

MARIA, Luzia de. **O clube do livro:** ser leitor que diferença faz? São Paulo: Global, 2016.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura:** uma nova perspectiva. 2.ed. São Paulo: Editora 34 Ltda, 2009.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** 7.ed. São Paulo: Contexto, 2023.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

STIELER, Rosane Aparecida; FRANZIN, Rozelaine de Fátima; BOER, Noemi. **Práticas pedagógicas e letramento literário:** sequência didática. Santo Ângelo: Metrics, 2021. E-book. Disponível em: Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/644311>. Acesso em: 28 jun. 2022.

ZILBERMAN, Regina. Ensinar é preciso - resistir também. In: MACEDO, M. do S. A. N. (org.). **A função da literatura na escola:** resistência, mediação e formação leitora. São Paulo: Parábola, 2021.